

“Eucaristia, Sacramento da Misericórdia” foi o tema desta sessão, sob orientação do Senhor Padre Almiro Mendes e Dr. Manuel António.

Imagem escolhida como símbolo para este encontro:



Do lado aberto de Cristo na Cruz, brota sangue e água: este caudal, prefiguração da eucaristia e do Batismo, é um rio que é recolhido na silhueta do cálice (símbolo da Igreja), mas que vai para além deste vaso, ultrapassando as próprias fronteiras da Igreja, ao ponto de irrigar as periferias.

Simultaneidade da silhueta do cálice e da hóstia com a representação figurativa do Calvário: sobreposição do mistério da Eucaristia com o mistério do Calvário.

No monte do Calvário inscreve-se a figuração do “Guaernica”, de Pablo Picasso, que alude à Guerra Civil Espanhola (advento da II Guerra Mundial): no momento do Calvário estão presentes todos os dramas da história humana. Nesta nossa história continua o Calvário de Cristo e atravessa também os nosso próprios dramas.

Como é costume as sessões têm início com um curto momento de oração. E é muito importante termos o hábito de vez em quando parar para rezar.

Rezar é expormo-nos a Deus, tal qual como somos, sem nenhuma máscara, sem nenhuma maquilhagem.

Até quando expomos a Deus a nossa incapacidade de rezar, até quando dizemos a Deus eu não sei rezar, estou a rezar, porque estou a traduzir a minha atitude de humildade e de confiança. A oração é confiar em Deus e saber que Deus nos acolhe tal como somos. As nossas inquietações, nós não as expomos, a não ser a pessoas que nos mereçam confiança.

Fazer oração é isto, expor tudo o que nos vai na alma, a quem nos dá extrema confiança.

Oração

“Senhor Deus de amor, Pai de bondade, vosso Filho Jesus Cristo, em sua misericórdia, deixou-nos a Eucaristia para derramar sobre nós a esperança de vida em plenitude. Guiai a nossa a nossa reflexão desta noite, para que ela nos ajude a celebrar a Eucaristia como uma fonte de Esperança e como alimento da união fraterna, que nos torne cada vez mais solidários com os sofrimentos e necessidades do mundo.”

Amén.

Esta sessão não será uma sessão de Teologia, mas lembrar o que cada um já sabe, e uma prática de participação na Eucaristia. Tomar consciência de interiorizar, de vivenciar e de rezar o que já sabemos e que muitas vezes não damos tempo suficiente de parar, de refletir até ao fundo o significado da Eucaristia.

A Eucaristia é um dos três Sacramentos da Iniciação Cristã: (**Batismo, Confirmação** ou **Crisma** e **Eucaristia**).

Nós somos excertados em Cristo, mergulhados na morte e ressurreição de Cristo no Batismo, somos inundados do Espírito do Sacramento da Confirmação e depois a temos a Eucaristia que também é Sacramento de Iniciação.

A gente vai passar a vida a ser iniciados, pelo Sacramento da Iniciação? Porque os outros Sacramentos só recebemos uma vez. A Eucaristia vamos celebrando ao longo de toda a nossa vida.

Então como é um Sacramento de Iniciação? A nossa vida é uma permanente iniciação à experiência.

Há um cântico antigo dedicado à Sagrada Eucaristia e que, em Latim, se “*Panis Angelicus*” e rezava o seguinte:

*Panis Angélicus,
Fit panis hominum,
Dat panis caelicus figuris terminum.*

*O Res mirabilis!
Manducat Dominum,
Pauper, pauper servus et humilis!*

Em português:

O Pão dos Anjos,
Torna-se pão dos homens,
E o Pão dos céus dá fim aos velhos símbolos.

Oh coisa admirável!
O Senhor enviou (o pão)
Ao pobre e humilde servidor!!!

O sentido da Eucaristia foi desenvolvido e explicado nesta sessão através de quatro tópicos:

TÓPICO 1

A EUCARISTIA É MEMORIAL DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS

O essencial do “mistério” eucarístico, que celebramos em cada Missa, está indicado no gesto e nas palavras de Jesus na “Última Ceia”, gesto e palavras proclamadas pelo sacerdote no momento mais central do rito. São as chamadas “palavras da consagração”. Estas palavras retomam o que refere o Novo Testamento. O texto mais antigo é de São Paulo (1 Cor 11, 23-26), que transmite o que já tinha recebido. Com razão a assembleia proclama, depois da “consagração”, o “mistério da fé”: Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

Sobre este aspeto devemos ter uma consciência renovada de que o essencial da Eucaristia é um Mistério, é um verdadeiro Mistério que celebramos em cada Eucaristia.

O ponto central da Eucaristia, são os gestos e as palavras proclamadas na Consagração, são palavras de memorial, aquelas mesmas palavras com que Jesus Cristo na Última Ceia, instituiu a Eucaristia. Aliás, foi o único Sacramento que Jesus Cristo instituiu formalmente, foi a Eucaristia, na Ceia Pascal.

É importante que relembremos que vem nos três Evangelhos, no Evangelho S. João não vem este relato mas vem um outro relato que vem complementar que é o Lava-Pés.

Antes dos Evangelistas escreverem esta narração da instituição da Eucaristia, S. Paulo na primeira carta aos Coríntios dizia exatamente a mesma coisa, por tanto é muito fiel naquilo que aconteceu.

S. Paulo tem um pormenor que os Evangelistas não referem, porque termina o relato dizendo, “*todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciaremos a morte do Senhor até que Ele venha*”. Que é o que nós dizemos todos na eucaristia, com razão a assembleia proclama, depois da “consagração”, o “mistério da fé”: *Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos (anunciar com mais convicção) a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!*”

Anunciamos uma realidade que nos atravessa e que vai até ao fim, leva-nos a caminho, leva sempre a uma atitude de acolhimento, queremos que Ele venha.

S. Paulo no seu texto mais antigo (1 Cor 11, 23-26):

*“Na hora em que Ele se entregava, para voluntariamente sofrer a morte [na noite em que Ele ia ser entregue], tomou o pão e, dando graças, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: **Tomai todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós.** De igual modo, no fim da Ceia, tomou o cálice e, dando graças, deu-o aos seus discípulos, dizendo: **Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.**”*

Em que momento é que Jesus Cristo toma o gesto de instituir a Eucaristia? Um pouco antes de *Ele se entregar*, de doar a sua vida por nós.

Esta associação d’Ele pegar no pão e vinho juntamente no momento em que a sua vida ia ser entregue, é profundamente significativo para percebermos o alcance profundo da Eucaristia.

Depois há uma outra expressão que é *dar Graças*. A significado da palavra eucaristia é Ação de Graças, rendição de graças. É importante que percebamos que na eucaristia há um gesto que era assumido da Páscoa Judaica, em que o povo dava graças por aquilo que tinha sentido da presença de Deus na vida dele.

Depois há outra palavra que é **todos**, dita duas vezes, *Tomai todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós*. Ninguém está excluído e se ainda houvesse dúvidas, quando se entrega o sangue diz o *sangue será derramado por vós e por todos*. **Tomai, todos, e bebei**: pode-se pensar que eram só aqueles que estavam ali à beira naquele momento e os outros não entravam. Mas agora é por vós que estais aqui e por todos.

É muito importante que percebamos que aconteça o que acontecer na nossa vida, somos sempre todos convidados para ser abraçados pelo Pai, pelo amor de Deus.

É muito importante tomar consciência destes aspetos.

Outra expressão o *sangue da nova e eterna aliança*. Nova porquê? Justamente porque é uma aliança universal, e marca a rutura com o Antigo Testamento, agora todos somos povo eleito, ninguém é excluído.

A fé é um elemento decisivo para vivermos esta realidade.

No Evangelho de S. João (Jo 20, 19-31) em que Tomé vê Jesus e em que Jesus diz, “Tomé porque me viste acreditaste, *felizes são aqueles que acreditam sem ver*”.

Este relato não é factual, ninguém nos pode dizer que foi assim que aconteceu, é um relato teológico, até porque S. Tomé foi o primeiro apóstolo a ser martirizado por seguir Jesus Cristo.

Um relato teológico para mostrar que não se trata de ver qualquer coisa ali na hóstia e no cálice para acreditar, não é isso, trata-se de acreditarmos para vermos e não ver para acreditarmos.

Porque só vemos que ali está a presença real de Jesus Cristo porque realmente acreditamos, nada é observável pela nossa razão.

Se formos fazer uma análise química ao vinho consagrado e à hóstia consagrada, ela tem a mesma composição química antes e depois da consagração, nada mudou.

Mas para os Cristãos ali está a irradiação da presença de Deus que na comunhão quer vir para o mais íntimo de cada um, porque celebrar a eucaristia é acreditarmos o estado de anunciação, isto é, sempre que celebrarmos a eucaristia fazemos o mesmo percurso que Maria fez naquele momento em que o Anjo aparece para a anunciar que Ela vai ser mãe do Salvador. Maria foi o maior exemplo. Temos de fazer o mesmo percurso.

O que é que fez Maria? Abriu o seu coração à fé diante de uma realidade que Ela não compreendia, Ela teve dúvidas, Tomé teve dúvidas, nós também temos dúvidas.

Ela abriu o coração a uma realidade que Ela humanamente não atingia, o que é que fazemos na Eucaristia, abrimos o nosso coração para acolher uma realidade que humanamente não entendemos, o Mistério da Eucaristia.

O que é que fez Maria? Abriu os seus lábios para dizer o seu Sim, para aceitar aquele mistério.

O que é que fazemos na Eucaristia? Com a nossa voz abrimos ao mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo, quando o Sacerdote diz: Eis o mistério da fé, nós dizemos expressamente eu digo sim à Tua presença aqui neste mistério.

Ela abriu as suas entranhas ao Criador. Na eucaristia o que fazemos? Recebemos nas nossas entranhas Aquele que nos recria por dentro.

É graças ao Espírito que Maria concede Jesus Cristo no seu seio. É um mistério.

O que temos de lembrar é que o Espírito está sempre presente nos momentos decisivos em que Deus se manifesta à humanidade.

No primeiro livro de Genesis, um dos primeiros versículos, o Espírito pairava sobre as águas e criou o Cosmos, e agora o Espírito descera sobre ti, que Jesus Cristo é a nova criação, estamos a ser recriados, a aceitar nas nossas entranhas a recriação operada por Jesus Cristo.

Maria extasiou-se numa atitude de ação de graças, tal Magnificat, pelas maravilhas que Ela sentiu que estavam a acontecer em si.

O que fazemos na eucaristia? É ação de graças porque ao comungar somos assimilados a Cristo, é que um entranhamento visceral com Cristo.

Foi deixada esta pergunta para os grupos:

Temos consciência do essencial do “mistério” eucarístico? É para nós um verdadeiro “mistério da fé”?

TÓPICO 2

A EUCARISTIA É COMUNHÃO NO CORPO E SANGUE DE JESUS

A comunhão eucarística é um dos atos em que o cristão manifesta a originalidade da sua fé, a certeza de ter com o Senhor um contacto tão íntimo e real que vai para além de tudo o que se possa dizer e conceber, esta é a verdadeira comunhão. A palavra “comunhão” não existe no Antigo Testamento, começou a existir no Novo Testamento (koinonia) e exprime ao mesmo tempo a verdadeira relação do cristão com o Deus revelado por Jesus e dos cristãos entre si. Instituída no decurso de uma refeição, a Eucaristia é um rito ligado ao ato de nutrir-se. Desde toda a antiguidade, o homem reconheceu no alimento um valor sagrado. A Eucaristia inclui esta dimensão de “alimento”.

Da palavra COMUNHÃO, derivam palavras como ecuménico (casa comum), que é um apelo de todos os crentes que estejam na casa comum, estabeleçam uma comunhão entre eles; até própria palavra ecológico (natureza casa comum) tem a mesma origem, porque o que é a ecologia se não eucaristizar a natureza, fazer da natureza a nossa casa comum.

Ficou para os grupos a seguinte pergunta:

Damos à comunhão eucarística toda a importância que merece? Que recordação temos da primeira comunhão? Para nós é indiferente comungar ou deixar de comungar?

TÓPICO 3

A EUCARISTIA É REFEIÇÃO FRATERNA E FONTE DE RECONCILIAÇÃO

Conforme se diz comemos, a eucaristia é uma refeição, comemos o próprio Deus que usa misericórdia connosco, e porque está connosco, nos estimula, nos desafia a uma atitude de misericórdia com os outros.

A comunhão eucarística não é da ordem do ritual mas da ordem da caridade. Na Eucaristia comungamos o próprio Deus, que usa de misericórdia para connosco, o que nos estimula a uma atitude de misericórdia para com os outros.

O cristão que participa na Eucaristia aprende a tornar-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade. Isto é muito difícil por vezes celebrarmos a eucaristia ao lado de uma pessoa com quem temos dificuldades de relação. Mas esse é o grande desafio de Cristo, proclamado nas Bem-Aventuranças e este é o convívio que o próprio Jesus Cristo faz numa passagem descrita no Evangelho de S. Mateus (Mt 5, 23-24):

***Se trouxeres a tua oferta ao altar,
e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,
deixa ali diante do altar a tua oferta,
e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta.***

Isto é evangelho, é Jesus Cristo que nos diz isto.

O não entrar em comunhão com os irmãos introduz uma contradição no cerne do sacramento da Eucaristia, que foi instituído através de dois gestos de Cristo com o mesmo significado: a fração do pão e o lava-pés.

É evidente que muitas das vezes temos imensa dificuldade em fazer isto, temos bloqueamentos que muitas vezes humanamente não conseguimos superar.

Diz o Papa Francisco, que a eucaristia não é um prémio para os perfeitos/fortes, é um remédio para os fracos. Celebramos a nossa eucaristia com as nossas fraquezas, todavia não nos podemos conformar com estes bloqueamentos/ressentimentos que nos impede de sermos geradores de fraternidade.

Para celebrarmos, para conseguirmos temos de nos centrar na fonte da nossa fé, que é acreditar no Pai que nos transborda de ternura por cada um de nós.

E se centrarmos-nos na ternura do Pai, por mim e por todos os outros irmãos, se não centrarmos-nos nos nossos ressentimentos, nós vamos libertando-nos para deixar que Deus nos transforme por dentro e seremos neste caso geradores de fraternidade.

Por isso é importante percebermos que a eucaristia tem de ser fermento do fraternidade e fonte de reconciliação.

Ficou para os grupos a seguinte pergunta:

Que dificuldades estás a ter, para viveres a Eucaristia como uma refeição fraterna que te faz alimentar sentimentos de misericórdia?

TÓPICO 4

A EUCHARISTIA É PONTO DE CHEGADA E DE PARTIDA

A eucaristia não é um intervalo na nossa vida, não é um parêntesis na nossa vida.

A eucaristia é um ponto de chegada na vida de todos os dias e um ponto de partida para uma vida nova, e isto é que faz o processo do nosso crescimento na nossa Igreja.

O Concílio Vaticano II veio recordar-nos e insistiu, em três documentos: liturgia, Igreja e outro documento do presbitério. E nestes documentos insiste que a eucaristia “fonte e centro de toda a vida cristã...” (LG 11,1), é onde nós vamos matar a sede, é o centro, é para ali que converge, e é o “cume de toda a evangelização» (PO 5), o ponto mais alto da vida e crescimento da Igreja.

Neste momento em que começa a ser difícil haver Padres para celebrar a eucaristia, temos de nos perguntar o que fazer para que este problema seja resolvido, pois é um direito que os batizados têm de ter eucaristia acessível.

Quando celebramos é a nossa vida humana que entra na vida de Deus. Ao partir da Eucaristia é a vida de Deus que entra na nossa vida humana.

Daqui brota a missão, quando partimos da eucaristia, vamos como que alimentados para vida, que vai marcar consciente ou inconscientemente toda a nossa vida.

Aquilo que fazemos no trabalho, na escola, com a mulher, com o marido, com o namorado, aquilo que nós vivemos pensando nas nossas opções, no íntimo da nossa mente e coração, é alimentado pela eucaristia: é Vida que entra na vida! É para isso que celebramos, não é para cumprir um preceito, não é uma obrigação, é porque isto faz parte da nossa identidade Cristã, sem isto perdemos a nossa identidade.

E por isso é que a missa, não termina na igreja, a última palavra que o celebrante diz é: “Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”.

Há um paralelismo com o Ide e com o que os Anjos dizem aquelas mulheres que não encontram Jesus Cristo no sepulcro, após a ressurreição de Jesus, Ide dizer aos discípulos que partam para a Galileia, que vão para a vida e Ele precederá lá, Ele precede-nos na vida concreta.

Mesma coisa que dizer leva contigo o Senhor ressuscitado. Mesma coisa que dizer, revive na vida a profundidade incomensurável que celebras-te na eucaristia.

A mesma coisa que diz, não temas de abrir as portas do vosso coração, eucaristizar a vida. É um desafio que nos deve fazer humildes e não triunfalistas.

Papa Francisco diz que podemos levar Deus para a vida praticando as obras da misericórdia.

Há sempre uma enorme distância a dádiva do Senhor e aquilo que fazemos, a nossa tão fraca capacidade de darmos-nos aos outros.

Mas é muito libertador não desanimarmos deste caminho, estamos no caminho, a eucaristia é sempre uma iniciação, estamos sempre a iniciarmos a caminhar para Deus.

O Papa propõe um momento muito realista, descreveu no twitter, em dezembro, um objetivo para cada dia podia ser, por exemplo, transmitir a ternura de Cristo aquele ou aquela que mais necessidade teve.

Um objetivo pequeno já que não conseguimos ter ao nosso alcance dessa medida do amor de Deus.

Não deve haver divórcio entre Vida e Eucaristia.

Deixou a seguinte pergunta para os grupos:

Em que é que a Eucaristia tem mudado o nosso modo de estar na vida pessoal, familiar, profissional e social?

Intervenção do Padre Almiro Mendes:

A missa não é uma simplicidade agrária, em que se oferece pão e vinho, a missa é um dom, é uma graça inolvidável, é um memorial, tangencial da morte e ressurreição; é a comunhão do corpo e sangue de Jesus; é esta refeição fraterna e fonte de reconciliação; é um ponto de chegada e ponto de partida, nada acaba nela, ela começa por aqui.

Jesus pregou muitos sermões, curou muitos doentes, fez milagres que deixaram as pessoas verdadeiramente estupefactas e até encantadas, como ressuscitar mortos, como curar doentes, entre outros milagres.

Mas pedir só pediu duas coisas, Jesus em toda a sua vida só pediu duas coisas:

- “Fazei isto em memória de mim”, a missa não lei da Igreja, é um pedido de Jesus, para participarmos no seu memorial.

E depois,

- “Lvai os pés uns aos outros como Eu vos lavei a vós”. Amai-vos como eu vos amei, estai na vida como quem serve e não como quem se serve.

Então Jesus pede-nos duas coisas: para amar-mos uns aos outros, e para celebrarmos a missa.

É por isso que o verdadeiro Cristão é aquele que não descarta isto, e faz isto como essencial da sua vida.

Ser Cristão sem vir à missa é a negação, é como ser Padre e não celebrar missa. Sou Padre há 27 anos, se nunca tivesse celebrado missa, a minha vocação não era válida.

Mas Jesus ao contrário do que pensamos, pediu quase nada.

A Igreja é que depois faz muitas leis, pede muitas coisas, tantas coisas, mas Jesus só pediu isto.

E deveria ser apaixonante para nós, para celebrarmos a missa, virmos à missa em memorial do Senhor e amar como Ele nos amou.

Os presentes nesta sessão são pessoas com consciência disto, sabeis que pode haver coisas melhores ou piores, mas nenhuma igual ao amor, nenhum porque só o amor dá consistência à vida, e por isso, vós fazeis do amor o vosso caminho, a vossa dedicação.

E também, em toda a dinâmica litúrgica, e da vida da Igreja, a missa é o essencial, o mais importante. É o mais importante, pena é que as nossas missas sejam às vezes missas falecidas. Não correspondam àquilo que Jesus pediu. Em comunidade, a missa é para todos, temos de ter todos a mesma atitude.

TRABALHO DE GRUPOS

1. Temos consciência do essencial do “mistério” eucarístico? É para nós um verdadeiro “mistério da fé”?

Se nós dissermos às pessoas, que no próximo domingo não há intenções pelos mortos, vem muito menos gente à missa. E às vezes resmungam que não há intenções.

Para nós a missa é uma questão de mortos ou é um mistério essencial da fé?

2. Damos à comunhão eucarística toda a importância que merece? Que recordação temos da primeira comunhão? Para nós é indiferente comungar ou deixar de comungar?

Às vezes comungamos Deus e maltratamos os outros. Há quem vá à comunhão e não suporte o Padre que celebrou a missa.

Que recordação temos da primeira comunhão. Já tiramos o fato da primeira comunhão. Há pessoas que ainda querem que a missa seja como era antigamente, ainda há pessoas que não foram capazes de evoluir na dinâmica da liturgia. Quando estamos em comunidade teremos de fazer como todos os outros.

3. Que dificuldades estamos a ter para viver a Eucaristia como uma refeição fraterna que nos faz alimentar sentimentos de misericórdia?

4. Já vivemos e celebrámos muitas Eucaristias. Em que é que a Eucaristia tem mudado o nosso modo de estar na vida pessoal, familiar, profissional e social?

A missa mudou, era em latim passou para português, o Padre estava voltado de costas para o povo, agora virado para o povo, mudou a missa. Só podíamos comungar se tivéssemos em jejum a partir da meia-noite, agora é uma hora antes, mudou e nós mudamos alguma coisa com a missa, muda-nos alguma coisa a missa.

Foram organizados 7 grupos, cada grupo escolheu uma pergunta das quatro apresentadas e respondeu a uma questão dessa pergunta.

Grupo 1 – Pergunta 2

A comunhão é importante mas nem todos o compreendem. É preciso uma caminhada no sentido do conhecimento. Comungar ou não é uma escolha, com a ajuda do Espírito Santo.

Grupo 2 – Pergunta 4

É necessário melhorar o comportamento das pessoas na Missa, pois é o local onde podemos encontrar mais ensinamentos.

O Padre Almiro comentou que precisamos estar abertos à Missa, porque muitas vezes estamos deslocados. Pormo-nos a jeito

Grupo 3 – Pergunta 4

É preciso que haja receptividade na Eucaristia para podermos ir partilhar com os outros. Comunhão é convívio com Cristo e com os outros. Deve ser o centro da nossa vida para nos envolvermos por Cristo.

Grupo 4 – Pergunta 2

Às vezes, não comungamos porque não nos sentimos merecedores, e isso é errado. Não nos devemos prender aos aspectos menos bons.

O Padre Almiro comentou que as pessoas não têm consciência da importância dos rituais, nomeadamente do acto penitencial.

Comungamos sempre? Por vezes não comungamos porque muitas das vezes não sentimos merecedores.

O Sacramento da Reconciliação (Confissão) é para coisas graves. A Eucaristia perdoa as faltas leves. Lembrou as palavras “Senhor eu não sou digno (a) que entreis em minha morada, mas disse uma palavra e eu serei salvo (a)”, que espelha essa realidade.

Grupo 5 – Pergunta 4

“A Eucaristia influi muito em todos nós. Confirma-nos como cristãos e ajuda a transformar as nossas vidas pela bondade, pela fraternidade, pela humildade, pela caridade e transmite-nos exemplos muito importantes através dos Evangelhos e das Homilias, para levarmos para fora da igreja, para as periferias.

Dá-nos força, animo, quase nos rejuvenesce para a vida.

Fortalece-nos na fé e preenche-nos de esperança, força e coragem para vermos a vida e o mundo, tão conturbados no momento actual, de uma forma mais positiva. E é imbuídos destes sentimentos que nos tornamos capazes de levar os nossos testemunhos aos nossos ambientes.

Faz-nos sentir pequeninos e ajuda-nos a crescer como cristãos e também humanamente.”

(Nota: pela forma como este grupo apresentou as suas conclusões, o texto é reproduzido na íntegra.)

Grupo 6 – Pergunta 2

É um processo de consciência antes de comungar que exige preparação individual.

O padre Almiro comentou que Deus se revela em comunidade. Não é a minha missa, nem o meu pároco; é a nossa missa e o nosso pároco.

Grupo 7 – Pergunta 2

É tudo uma questão de consciência e passa a ritual. Se perder o significado, comungar ou não comungar é indiferente e perdemos a identidade.

Deus revela-se em Comunidade, não vai a casa de cada um.

O Senhor Padre Almiro contou uma pequena história sobre Santa Teresinha. Quando estava muito doente, não pode ir fazer as orações à capela do convento onde vivia. Interpelada pela Madre Superiora, pela sua falta, disse que se tinha deixado ficar a dormir porque um Pai gosta de ver o seu filho a dormir. É esta confiança que temos de depositar em Deus, como filhos Seus muito amados.

Na oração final, sublinhou a graça da infância espiritual, da revelação de Deus através dos sinais, dos gestos, das palavras e das pessoas. Pediu a graça de as eucaristias serem encantadoras e reveladoras da beleza de Deus, que sejam jubilosas, dinâmicas, salvadoras, nas pessoas de todos os seus intervenientes. Pediu ao Senhor coragem para a construção inevitável de uma nova igreja: coragem para sermos pedras vivas do templo do Senhor. E terminou, dando glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.